

A função social da escola na ótica de Adolfo Lima, um educador português anarco-sindicalista

The social function of the school from the point of view of Adolfo Lima, a portuguese educator and anarchic-syndicalist

Luiz Carlos Barreira*

* Doutor em Educação pela Unicamp. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Uniso.
e-mail: luizcarlosbarreira@yahoo.com.br

Resumo

Na história da educação portuguesa, Adolfo Lima comparece como um dos principais expoentes do movimento escolanovista e um dos maiores divulgadores das idéias libertárias no campo da educação e do ensino em Portugal. De 1906 a 1914, esse eminente intelectual português foi professor de Sociologia na Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, escola mantida pela Sociedade Promotora de Escolas, que era uma associação controlada pela fração republicana da maçonaria portuguesa. Criada em 1905, essa escola foi inicialmente concebida para proporcionar uma educação técnico-profissional à infância operária. Com a chegada de Adolfo Lima e de outros professores anarquistas a essa escola, uma outra forma de educar começou a ser nela experimentada. O principal objetivo deste artigo é discutir essa experiência, mais especificamente as idéias anarquistas que deram forma a esse novo modo de educar.

Palavras-chave

Adolfo Lima; educação anarquista; Escola Oficina N.º 1 de Lisboa.

Abstract

In the Portuguese history of education, Adolfo Lima appears as one of the most important representatives of the progressive education movement and one of the major exponents of the anarchic ideas applied to education and teaching area in Portugal. Between 1906 and 1914, this eminent Portuguese intellectual was a teacher of Sociology in the Escola Oficina N.º 1 of Lisbon, a school supported by The Schools Promoter Society, witch was an association controlled by the republic fraction of the Portuguese freemasonry. Created in 1905, this school was originally conceived to provide a technical and professional education to the working class children. With the arrival of Adolfo Lima and others anarchic teachers to that school, another way of children education was tested. The main objective of this article is to discuss this experience and specially the anarchic ideas that gave shape to that new way to educate children.

Key words

Adolfo Lima; Anarchic education; Escola Oficina N.º 1 of Lisbon.

Introdução

Neste artigo, apresentamos sucintamente algumas daquelas que consideramos ser as principais características do pensamento político-pedagógico de um renomado escolanovista português e um dos maiores difusores, além de praticante, das idéias libertárias no campo da educação e do ensino em Portugal, no primeiro quartel do século XX: Adolfo Lima.

Filho de pai português e de mãe brasileira, Adolfo Ernesto Godfroy de Abreu e Lima¹ nasceu em Lisboa em 28 de maio de 1874 e faleceu, também em Lisboa, em 27 de novembro de 1943. Embora formado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi no campo da educação que sempre atuou. Entre 1906 e 1914, foi professor Sociologia e diretor pedagógico da Escola Oficina N° 1 de Lisboa, instituição escolar pertencente à Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas, uma organização de caráter maçônico e republicano, que, em 1913, passou a chamar Sociedade Promotora de Escolas. Fundada em 1905, essa escola esteve inicialmente voltada para a formação técnico-profissional da infância operária, oferecendo cursos de carpintaria. A partir de 1907, quando Adolfo Lima e outros professores anarco-sindicalistas portugueses passaram a compor o corpo docente dessa escola, uma outra forma de educar, segundo Candeias (1994), começou a ser nela experimentada e um modelo pedagógico alternativo ao liberal passou a orientar as práticas cotidianas de seus diretores, professores, alunos e funcionários. Isso, no início do século XX, pouco antes,

portanto, de ser proclamada a república portuguesa. Enquanto trabalhou nessa escola, Adolfo Lima dirigiu *Educação*, uma revista quinzenal de Pedagogia editada pela Sociedade Promotora de Escolas, a mesma sociedade que mantinha a Escola Oficina. Destinada aos professores das escolas primárias portuguesas, essa revista teve um curto ciclo de vida, pois circulou por apenas um ano: de janeiro a dezembro de 1913.

Depois de ter passado pela Escola Oficina, Adolfo Lima começou a lecionar no Liceu Pedro Nunes, também em Lisboa. Em fevereiro de 1918, assumiu a direção da Escola Normal Primária de Lisboa, onde permaneceu como diretor até maio de 1921 e, como professor, até 1933. A partir de então, assumiu a direção da Biblioteca-Museu do Ensino Primário, que era anexa à Escola Normal de Lisboa. Entre 1924 e 1927, dirigiu a revista *Educação Social*, também editada em Lisboa. Mesmo encontrando-se afastado da Escola Oficina, Adolfo Lima jamais a esqueceu. Ao contrário, não são poucas as referências feitas a esta nos vinte e tantos artigos que publicou nessa revista *Educação Social*.

É sobre a experiência de Adolfo Lima na Escola Oficina N° 1 de Lisboa, que este artigo versa². Os principais traços dessa nova forma de educar, que serão aqui apresentados, foram extraídos, basicamente, dos artigos publicados por Adolfo Lima na revista *Educação*³ e da tese de doutoramento de António Candeias⁴.

1 A escola em três tempos: passado, presente e futuro

De acordo com Candeias (1994), com a chegada de Adolfo Lima, Antonio Lima⁵, Deolinda Lopes Vieira⁶ (Pinto Quartim), César Pôrto⁷, Emílio Costa⁸ e José Carlos de Sousa⁹, entre outros, à Escola Oficina N° 1 de Lisboa, duas correntes políticas com perspectivas diferentes, no que diz respeito aos planos socioeducativos – maçons republicanos e anarquistas – passaram a conviver em relativa harmonia. Entretanto, com o passar do tempo, o cotidiano dessa escola começou a mudar lenta e paulatinamente. Uma luta surda pela predominância dos dois modelos educativos ligados a essas duas esferas de influência política passou então a ser travada no interior da escola: de um lado, um modelo de educação liberal (similar, do ponto de vista pedagógico, aos modelos tradicionais), suportado pela ala republicana e maçônica; e, do outro, um modelo de educação “libertário”, apoiado pelo corpo docente anarquista.

A Escola Oficina teria sido, nesse período, uma espécie de laboratório pedagógico do anarco-sindicalismo português, que, “muito atento à sua vida, fez dela o seu modelo de educação, pela aprovação de uma série de teses educativas, no 1º Congresso Confederal, 4º Nacional, da Confederação Geral dos Trabalhadores (C.G.T.), a grande central sindical dos anos 1920 de tendência acentuadamente anarco-sindicalista, decorrido em Santarém no ano de 1925”¹⁰.

Dentre as inúmeras críticas feitas por Adolfo Lima à velha escola – a escola que

a recém-proclamada República portuguesa herdara do regime monárquico –, destacam-se as seguintes: a) total alheamento em relação à vida; b) transmissora de parcos e inúteis conhecimentos, posto serem eles desprovidos de utilidade prática; c) cultivadora de hábitos de dependência, uma vez que seus métodos e programas de ensino não criavam condições para que a criança pensasse por si e atuasse sozinha. Nessa escola, concluía Lima, tudo era erro, tudo era ilusão (1913a, p. 163).

Ao negar a velha escola, apontando suas principais mazelas, Adolfo Lima afirmava algumas das virtudes daquela que deveria ser a sua antítese: a nova escola. Essa escola deveria ser “a imagem da vida”, como as suas palavras a seguir proclamam:

Pretende-se criar na escola um meio que seja a vida real, uma como que repetição ou cópia do que é o viver em sociedade. A escola deve ser um meio social experimental, reflexo da realidade, em que a criança deverá ser treinada a ver, a observar a vida, a sociedade, onde mais tarde terá de haver-se, de existir (1913a, p.163).

Entretanto, essa nova escola não deveria reproduzir certos valores e crenças, tão caros à sociedade mercantilista e competitiva (capitalista) de então. Ao contrário, deveria esmerar-se em formar homens e mulheres solidários. Para a concretização de tão ambicioso projeto e o enfrentamento dos desafios que essa concretização traria, Lima assevera:

Ensine-se à criança a prática da vida [...]; eduque-se a sua iniciativa, a sua independência, a resolver por si os problemas cotidianos de que for objeto [...] e a aplicar todos os conhecimentos adquiridos; mas

não se há de fazer dela igualmente um ser perfectível e progressivo, dando-lhe, criando-lhe um ideal superior à mesquizez da simples prática? Não se há-de fazer da escola esse meio ideal para que tendem as sociedades, em que experimentalmente as crianças pratiquem o auxílio mútuo, aprendam a pensar nos outros e a cuidar deles, a serem generosas, verdadeiras, leais, altruístas e natural e conscientemente solidárias? (1913a, p.164).

A escola nova pela qual Adolfo Lima luta não é realista, mas naturalista. E, aqui, percebe-se claramente a influência de Rousseau nas formulações político-pedagógicas do eminente educador português. Ao contrapor a escola do passado com a do presente e a do presente com a do futuro (a nova escola que os anarco-sindicalistas portugueses tanto almejavam), Adolfo Lima professa a sua crença na natureza "perfectível e social da humanidade", como se pode perceber no texto abaixo transcrito:

A escola do passado, a velha escola era vã, inane; estava abaixo da vida, da realidade. A que querem no presente, exigem-na exageradamente a par da vida, [...] limitada à estúpida e vil vida vegetativa em que o estômago deve predominar; é realista. Ora, a escola não deverá colocar-se acima da vida, em que a idéia e os belos sentimentos predominem sobre tal prática? Em vez de realista não deverá ser antes naturalista? Não deverá antes basear-se na natureza perfectível e social da humanidade, que não exclui a idéia do futuro e a preparação para uma outra época, para melhores tempos? (1913a, p.164).

2 Desafios a serem enfrentados na construção de uma escola nova

No delineamento dos contornos da nova forma de educar proposta e praticada pelos educadores anarco-sindicalistas da Escola Oficina N° 1 de Lisboa, e divulgada por Adolfo Lima na revista *Educação*, a distinção entre educação e instrução e a admissão de que ambas seriam igualmente necessárias à formação integral da criança constituem uma das principais características do modelo pedagógico por eles defendido. Reconheciam, entretanto, as dificuldades a serem enfrentadas pelo professor-educador no desempenho dessas duas importantes tarefas: ensinar e educar.

Para eles, ensinar seria fornecer à criança "certo e sólido capital de conhecimentos devidamente concatenado e inteligível", para que ela, fazendo uso desse conhecimento na sua vida cotidiana, pudesse compreender e discernir "as relações de causa e efeito", mas jamais fazendo dela "um simples receptáculo em que se metem cousas ao acaso" (1913b, p.61).

Por sua vez, o verdadeiro ato de educar teria por objetivo "criar na criança um método de trabalho, uma orientação, uma consciência de tudo que diz e faz". O educador deveria "estimular-lhe o gosto pela atividade, desenvolver-lhe a vontade e a personalidade". Deveria, ainda, "torná-la um caráter" de modo a poder harmonizar "as suas ações com o seu pensar". Também deveria "canalizar-lhe ou desenvolver-lhe o exercício de uma aptidão, de uma inclinação, e, até, de um instinto, ou promover-lhe

a inibição de outros instintos". E, por fim, "cultivar-lhe um ideal" (1913b, p.61).

Entretanto, para poderem ensinar e educar dessa nova maneira, os educadores "verdadeiramente" comprometidos com a formação integral das crianças, teriam de enfrentar dois outros problemas de difícil solução: a sua precária e inadequada formação e as más influências que os adultos exerciam sobre as crianças.

Começemos pelas más influências. Como os adultos já se encontravam de certa forma "educados", e, não necessariamente de acordo com os princípios que orientavam as práticas educativas dos educadores anarco-sindicalistas da Escola Oficina N° 1 de Lisboa, eles representavam, na ótica desses educadores, um enorme obstáculo à formação das crianças. Sobre tais influências, Adolfo Lima assim se expressou:

Ah! as pessoas crescidas! Como seria relativamente facilitada e compensadora a missão do professor, como o seu trabalho seria profícuo e eficaz, se êle só tivesse a defrontar-se com a criança!

As pessoas crescidas são o flagelo do professor e da criança! São o fracasso de muita obra educativa. Manifestando ostensivamente todos os seus vícios, os seus erros, todos os seus preconceitos, e, sobretudo, a sua nula ou péssima educação, elas são um elemento deletério, a corrupção da influência da Escola. Os seus exemplos, o seu contacto, minam e arruinam o edifício que a educação cria em cada criança – edifício construído à custa de muita paciência, de muita dedicação, de muita boa vontade, de muito trabalho! (1913b, p.61).

Por essa razão, educar, e não apenas instruir, seria uma obra extenuante e exigiu-

ria do educador aguda observação e constante atenção, para que nenhum pormenor, "o mais leve gesto, a mais insignificante contração do rosto ou das mãos da criança" fosse desprezado, de modo a perceber as causas que lhe davam prazer e as que lhe provocavam dor, e daí inferir as tendências e os temperamentos das crianças (1913b, p.61).

Entra em cena a formação intelectual e moral do professor. Também o professor da escola nova, que então se constituía e se instituíria pela ação cotidiana dos educadores anarco-sindicalistas da Escola Oficina N° 1 de Lisboa, deveria ser educado de acordo com os mesmos princípios que orientavam as práticas político-pedagógicas de seus idealizadores.

O atavismo, a hereditariedade, o preconceito, o instinto, a tendência conservadora de aceitar idéias e sentimentos personificados nos adultos eram, no entender de Adolfo Lima, os principais inimigos da educação e do progresso. Para combatê-los e destruí-los, defendia a necessidade de um trabalho simultaneamente intensivo e pertinaz. Não seria em uma semana ou em alguns meses que os educadores conseguiriam inibir em uma criança "a tendência para actos que foram praticados durante séculos por uma raça" (1913b, p. 62). Para que tal objetivo pudesse ser atingido, uma ação convergente seria imprescindível. Nesse sentido, o educador teria de criar um ambiente, uma atmosfera na qual a criança pudesse ser constantemente "solicitada a ver praticar e a praticar ela própria actos e acções atinentes ao desenvolvimento do que [...] (se quer) fazer brotar nela ou ao

atrofiamento do que (se) lhe [...] (quer) estirpar.” (1913b, p. 62)

Para que a educação pudesse ser profícua e fecunda, a criança deveria ser “colocada em circunstâncias favoráveis, em um meio congruente à sua boa educação, saudável, activo, e não puramente passivo, em que tudo que a rodeia lhe seja propício, lhe estimule e crie – e não hostilize – a necessidade da verdade e do bem e que ela só ouça e veja essa verdade e êsse bem!” (1913b, p.62).

O incômodo de Lima com as más influências que os adultos estariam a exercer sobre as crianças é uma evidência, como já dito anteriormente, que denuncia a influência de Rousseau nas suas formulações teóricas sobre educação. As palavras de Lima abaixo transcritas explicitam algumas das “más influências” a que ele se refere:

Quantas vezes uma pessoa crescida destrói com uma simples carícia, inoportuna, a obra educativa dalguns anos; quantas vezes um sorriso, de dúvida ou de desdém, uma palavra inconscientemente proferida não inutiliza o trabalho aturado dalguns anos de educação!

[...] Suponhamos uma escola situada numa vila ou num bairro de desordeiros. Todo o esforço do corpo docente deve ser para criar um ambiente de paz, de sentimentos paternais e organizar, pelo menos na escola, um meio hostil a tudo que seja luta, combate. A preocupação predominante deve ser apagar a tendência para a agressão, as atitudes e as acções que traduzam sentimentos de combatividade, de luta, que forçosamente devem manifestar as crianças cujos pais são afamados em desordens, em violências, em rivalidades.

[...] Imagine-se [...] surgir alguém junto à

escola a ensinar jogos de luta, como o box, o do pau, etc., e imediatamente todo o trabalho educativo se perderia, seria inutilizado, despedaçado!

[...] um espetáculo de circo, uma tourada, uma sessão animatográfica, uma parada, um cortejo cívico, a escolha dum fardamento escolar, uma sessão solene, com oradores e sem critério educativo, uma récita, uma exibição, uma formatura, uma música, pode pôr uma criança em contacto, sob a influência dalgum elemento de força, ou dalguma pessoa que inutilize toda a obra educativa dum professor ou dum corpo docente amigo e apaixonado até a abnegação pela sua escola, pelos seus alunos (1913b, p.63).

A caracterização das assim chamadas “más influências” a que as crianças em processo de escolarização estariam sujeitas, e que caberia à escola, de uma forma geral, e ao professor, em particular, tentar evitar, enseja algumas indagações. Dada a diversidade das “más influências” acima arroladas, como poderia o professor, ou mesmo a escola, impedir que a criança se deixasse influenciar por algumas delas? Seria possível à criança (do operariado) viver apartada do seu próprio meio? Claro está que Adolfo Lima, seus colegas e diretores da Escola Oficina não ignoravam ser esse isolamento impossível. Por que, então, tanta insistência? Estariam eles querendo interferir no cotidiano das famílias operárias? Estariam eles querendo promover uma reforma moral e intelectual da sociedade, impondo ao trabalhador urbano uma nova racionalidade, de modo a fazer com que ele se submetesse a uma nova maneira de viver e pensar, portanto, a um novo modo de vida global? Caberia à escola, por inter-

médio de seus professores e alunos, tal tarefa? A julgar por algumas das práticas da Escola Oficina e, também, por alguns textos de autoria de Adolfo Lima, parece que sim.

Em resposta às acusações sofridas face à posição que assumira em relação às más influências que os adultos supostamente exerciam sobre as crianças, e sobre a necessidade de livrá-las dessas influências, Adolfo Lima, categoricamente, afirma:

Mas – dirão os *blagueurs*, fazendo espirito – só metendo numa redoma os meninos é que eles se livrarão das pessoas crescidas.

Sem me rir do espírito fino da frase respondo: sim, aceito; eles devem ser subtraídos a êsse contacto deletério pela forma mais radical possível, e nomeadamente daqueles que se julgando pedagogos não passam de *pedantes* – não no sentido etimológico do termo, mas no seu sentido depreciativo (1913b, p.63).

Em um derradeiro lamento, como se estivesse a reconhecer, sem, no entanto, admitir a impotência da escola e particularmente do educador frente às imposições da vida cotidiana, confidencia: “Ah! As pessoas crescidas! Como seria relativamente facilitada e compensadora a missão do professor, como o seu trabalho seria profícuo e eficaz, se ele só tivesse a defrontar-se com a criança” (1913b, p.63).

3 Da necessidade de conquistar os alunos: novos programas e métodos de ensino

Como todas as leis e regulamentos, os programas de ensino não são nem podem ser, segundo Lima, “diplomas impecá-

veis, reguladores de toda a matéria e seguindo uma norma ou critério que possa ser acessível a todas as inteligências, a todos os saberes” [1913c, p.13]. Mesmo quando não resultam da ação de políticos tendenciosos, das fantasias de um ministro, ou das elucubrações teóricas de algum pesquisador de gabinete, mas da experiência concreta de professores, os programas de ensino sempre oferecem, segundo Adolfo Lima, deficiências, lacunas, saltos e inconseqüências. Mas, por quais razões? Principalmente porque, segundo ele, cada professor, “tendo sua psicologia, um cabedal de conhecimentos diferente, é levado a interpretar, a aplicar diversa e, até, erradamente toda a matéria dum programa de ensino” [1913c, p. 13].

Por essas razões, um programa de ensino mal elaborado ou que estivesse em desacordo com as regras da assim chamada “boa pedagogia” poderia apresentar excelentes resultados, dependendo de quem o pusesse em prática. Por outro lado, um programa bem elaborado ou que seguisse rigorosamente as regras da “boa pedagogia” poderia resultar em monstruosidades, se quem o aplicasse não estivesse penetrado de seu espírito (algo bem diferente da sua letra) e tivesse outros processos de ensino, outro método [1913c, p. 13].

De acordo com essa ótica, os programas de ensino, como instrumento pedagógico, pouco ou nenhum valor teriam. “Para o bom professor – diz Lima –, eles têm uma importância mínima; para o mau professor, para o professor inexperiente, eles são um tropeço e prejudiciais ao ensino, provocando-lhes erros de interpretação e de

aplicação" [1913c, p.13-14]. Em contrapartida, o método de ensino seria o fundamento da educação e da instrução. Para Lima, mais que o saber e a erudição, o domínio do método, pelo professor, far-se-ia condição *sine qua non* para se medir o alcance (os efeitos) da educação escolar. Para ele:

Um professor por muito sábio e erudito que seja, por muito rigoroso que seja na aplicação dum programa o mais perfeitamente baseado e organizado na ciência pedagógica, se não tiver método, será um mau professor, não ensinará nada proveitoso e duradouro aos seus infelizes discípulos. Pelo contrário, um professor modesto, de saber limitado, mas sólido, não tendo a pretensão dum enciclopedista e tendo ao seu dispor um péssimo programa [...] ele pode fazer prodígios de educação e dar aos seus alunos uma firme, resistente e sã ilustração, se tiver método de ensino, digno deste nome [1913c, p.14].

O horror que a escola estaria causando em muitas crianças, seja por ministrarlhes aulas desinteressantes e enfadonhas, seja por estar exigindo-lhes estudos que freqüentemente as aborrecem, porque alheios ou muito distantes da realidade por elas vivida, também estaria sendo determinado, segundo Adolfo Lima, "por haver programa a mais e método a menos" na escola. "O professor deve ser um educador do cérebro e deve criar nos seus discípulos o gosto pela matéria da aula, tornando atraentes os assuntos que trata e fazendo com que os alunos se entusiasmem e sintam necessidade de saber", assevera Adolfo Lima (1913c, p.14)

A maneira como o professor introduzia a criança no universo de conhecimento das disciplinas que ministrava evidenciava,

segundo Lima, uma aceitação pouco ou nada crítica do professor às prescrições dos programas de ensino, que determinavam que o início das atividades, em qualquer disciplina, deveria começar "pelos preliminares, pela nomenclatura que são sempre enfasiadores (sic), aborrecidos, despidos de interesse para as crianças e que as indis põem logo contra a ciência e o professor, sendo considerados tanto uma como o outro seus inimigos" (1913c, p.14).

De que forma, então, o professor, empenhado em cumprir bem essa sua "missão" de criar no aluno o gosto pela ciência, deveria agir? Para Adolfo Lima, ele deveria:

[...] saltar por cima do programa e começar por onde se lhe afigurar ser mais cativante para a criança, de modo a conquistá-la, a ganhar-lhe a atenção, o interesse. [...] Uma vez, porém, alcançada a desejada atenção, despertado o interesse e criado o gosto pela matéria da aula, então o professor poderá habilmente partir desse ponto em que conquistou os seus alunos para os fundamentos, os preliminares tendo o cuidado de os ensinar como incidente, como a-proósito (1913c, p.14).

Conquistar a criança para a ciência, era o grande desafio feito pelas pedagogias modernas a todos os professores interessados em cumprir sua "missão". O mundo moderno estaria a exigir deles mudanças radicais em seus modos de ver, pensar e agir. Era preciso fazer com que a escola passasse a se organizar com base em outros fundamentos científicos e outras finalidades sociais. A falência da velha escola fora declarada. A pedagogia "tradicional" já não mais servia, posto não se preocupar com a educação integral do ser humano,

mas apenas com o cultivo do seu intelecto. O emprego de métodos e processos de ensino que estivessem em sintonia com os avanços da ciência, especialmente da pedagogia e da pedologia, passou a ser então postulado. A nova escola deveria passar a observar outros critérios de organização, que não os da velha escola, fundados em uma nova orientação pedagógica e social.

Considerações finais

Nas práticas educativas da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa, vislumbradas por intermédio da análise que fizemos dos artigos que Adolfo Lima fez publicar na revista *Educação*, percebe-se, como se viu, uma clara influência das “modernas teorias pedagógicas” que circulavam pela Europa àquela altura. Essas práticas denunciavam a presença de uma escola ativa, cuja principal característica está na defesa incondicional de uma educação integral do ser humano. Uma educação que procurava romper, portanto, com a histórica separação entre teoria e prática, entre braços e intelecto. Mas, uma educação também voltada para a solidariedade. Esta última foi, sem dúvida alguma, a pedra de toque do modelo pedagógico produzido pelos sujeitos que ajudaram a fazer, em Portugal, a história de uma escola para filhos de operários.

Notas

¹ Os dados biográficos de Adolfo Lima aqui apresentados foram extraídos de um verbete escrito por António Candeias, publicado no Dicionário de Educadores Portugueses, referência 453 (CANDEIAS, 2003).

² Trata-se de uma primeira aproximação em relação ao tema, que vem sendo explorado como parte de um projeto de pesquisa que o autor deste artigo desenvolve com outros colegas pesquisadores, brasileiros e portugueses, em convênio de cooperação internacional firmado entre Brasil e Portugal. O projeto intitula-se “A história da escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais” e é coordenado, no Brasil, pela Professora Doutora Marta Maria Chagas de Carvalho, da Universidade de São Paulo, e, em Portugal, pelo Professor Doutor Joaquim António Pintassilgo, da Universidade de Lisboa.

³ Os artigos que Adolfo Lima publicou nessa revista e que aqui dão sustentação às nossas análises foram os seguintes: Educação social (1913a), Educar (1913b) e Programas e métodos (1913c).

⁴ Essa tese foi defendida na Universidade do Porto e publicada pelo Instituto de Inovação Educacional de Lisboa. As referências que dela aqui fazemos foram extraídas da versão publicada (CANDEIAS, 1994).

⁵ Irmão de sangue de Adolfo Lima, António Godfroy de Abreu e Lima nasceu em Lisboa em 8 de janeiro de 1883 e faleceu, também em Lisboa, em 05 de janeiro de 1968. Estudou, sucessivamente, no Colégio Nacional, Liceu do Carmo, Escola Industrial Marquês de Pombal e Instituto Industrial, onde concluiu o curso de Química Industrial. Ingressou no mercado de trabalho como diretor técnico da Seção de Indústrias da Casa Nunes & Nunes e da Casa Industrial Mercantil do Oeste e chefe de seção da Companhia Portuguesa de Higiene. Mas, foi no ensino que se consagrou, construindo uma carreira profissional indissociável da escola a que dedicou a maior parte da sua vida, a Escola Oficina N.º 1 de Lisboa. Iniciou suas atividades docentes no Colégio Francês e colaborou, ainda que de forma pontual, com o projeto de escola nova experimentado pelo Colégio Infante de Sagres, fundado nas Laranjeiras (Lisboa) em 1928. No exercício do magistério, dedicou-se, basicamente, a duas áreas: aos Trabalhos Manuais Educativos (modelação em barro e papel) e às Ciências Físicas, Químicas e Naturais. Não foram poucas as aulas de ciências que esse professor publicou na revista *Educação*, no *Boletim da Escola Oficina N.º 1 de Lisboa* (que deu continuidade

à revista *Educação*) e na revista *Educação Social*, dirigida por seu irmão (FIGUEIRA, 2003).

⁶ Filha de doméstica e de caixeiro viajante, Deolinda Lopes Vieira (Pinto Quartim) nasceu na cidade de Beja, em 8 de julho de 1883, e faleceu em Lisboa, em 8 de junho de 1993. Frequentou a escola primária na sua cidade natal e, aos 12 anos de idade, seus pais fixaram residência em Lisboa. Foi nessa cidade que Deolinda cursou a Escola Normal. Por intermédio das obras de Tolstói, Kropotkin, Élisée Reclus, Sebastien Faure, Jean Grave e muitos outros. Segundo Manuela Ferreira (2003), Deolinda teria encontrado "o fundamento para as suas opções políticas e sociais". Tempos depois, conheceu o brasileiro Antônio Pinto Quartim (um dos principais divulgadores do anarquismo em Portugal e autor de vários livros, responsável por projetos culturais e jornalísticos como *O Protesto - Guerra Social* (1908-1909), *Amanhã* (1909) e *Terra Livre* (1913) e o primeiro chefe de redação do jornal *A Batalha* em 1919). Deolinda começou a trabalhar como professora na Escola Oficina N° 1 por volta de 1910. Um ou dois anos depois, acompanhou o marido em viagem ao Brasil, que fora expulso de Portugal por suas atividades políticas e sociais. Regressou a Portugal em 1915 e voltou a trabalhar na Escola Oficina N° 1, mas também lecionou em algumas escolas móveis republicanas, que foram extintas em 1930. Em 1919, especializou-se em educação infantil na Escola Normal Primária de Lisboa (situada no bairro de Benfica), naquela época dirigida por Adolfo Lima. A partir de então, trabalhou alternadamente na Escola Oficina e no ensino oficial infantil, então recém-criado. Com a extinção do ensino infantil em 1932, foi transferida para uma escola do ensino primário oficial onde se manteve até à sua aposentadoria, ocorrida por volta de 1939-1940 (FERREIRA, 2003).

⁷ César Pôrto foi um dos impulsionadores da Educação Nova em Portugal. Formou-se em Antropologia, em Paris, e exerceu o magistério primário em várias escolas portuguesas. Maçon e republicano, César Porto iniciou sua vida política nas "lides libertárias", tendo sido um assíduo colaborador do jornal *A Batalha*. Nasceu em Lisboa em 30 de novembro de 1873 e faleceu, também em Lisboa, em 25 de dezembro de 1944. Na Escola Oficina, foi pro-

fessor de Português e Sociologia. Tempos depois, assumiu a direção pedagógica dessa mesma escola. Dentre outras atividades, compôs a comissão promotora da Liga de Ação Educativa, fez parte do conselho pedagógico da Universidade Popular Portuguesa e visitou a Rússia a convite da Federação Pan-Russa dos Trabalhadores de Ensino (CASTELO, 2003).

⁸ Emílio Martins Costa nasceu em 21 de fevereiro de 1877, na cidade de Portalegre, e faleceu em 17 de fevereiro de 1952, em Lisboa. Teve uma rápida passagem pela Escola Oficina N° 1, de Lisboa, e publicou um único artigo na revista *Educação Social*, intitulado "Escola do Trabalho". Nasceu no seio de uma família burguesa liberal de Portalegre. Após sua formação inicial, entrou para o Liceu Mouzinho da Silveira em 1887, concluindo o ciclo secundário em 1894. Dois anos depois, instalou-se em Lisboa para frequentar o Instituto Industrial. Em 1899, também se matriculou no Curso Superior de Letras, mas não concluiu nenhum desses cursos. Assim que chegou a Lisboa, em 1896, envolveu-se na vida acadêmica, que era fortemente politizada e dominada pelo republicanismo. Em 1897, subscreveu o Manifesto Acadêmico Republicano, esteve na fundação do Centro Acadêmico Republicano, entrou para a Maçonaria Acadêmica e para a Carbonária Portuguesa. Suas ligações com a maçonaria se solidificaram, pois pertenceu à Loja Montanha, chegando ao grau de mestre. Entretanto, o mesmo não se pode afirmar no que diz respeito aos seus vínculos com o republicanismo que, com o tempo, desapareceram. Foi um dos principais doutrinadores e divulgadores das idéias libertárias. Entre 1903 e 1909, percorreu a Europa (França, Bélgica e Suíça, principalmente). A sua estada nesses países, proporcionou-lhe um contacto estreito com o movimento anarquista internacional. Ainda no estrangeiro, aproximou-se do meio acadêmico. Na Bélgica, inscreveu-se no curso de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nova de Bruxelas, onde conheceu Faria de Vasconcelos, estudante como ele, e que na Bélgica, anos depois, fundaria uma Escola Nova. Nos anos vinte e trinta, reencontram-se em Portugal e participam em projetos educativos comuns. No último ano em que perambulou pela Europa, mais especificamente pela França (1908), aproximou-se

de uma comunidade pedagógica de vanguarda. Nesse momento, atuou como secretário pessoal de Ferrer. Colaborou na fundação da Liga Internacional para a Educação Racional da Infância e tentou organizar uma seção em Portugal. A experiência alcançada durante esse período forneceu-lhe o conhecimento dos núcleos anarquistas mais importantes, do meio sindical internacional, assim como das suas estruturas organizativas e métodos de ação, além do estudo doutrinário (BANDEIRA, 2003a).

⁹ José Carlos de Sousa nasceu em Lisboa em 1871 e faleceu, também em Lisboa, em 1935. Frequentou o Instituto Comercial de Lisboa, exerceu a profissão de contabilista e a de professor de línguas no ensino particular. Paralelamente, dedicou-se à divulgação e propaganda das idéias anarquistas em Portugal em um período em que o movimento libertário teve influência decisiva na estruturação

do movimento sindical naquele País. Em 1924 entrou para o Conselho Administrativo da Universidade Popular Portuguesa. Entre 1930 e 1931, dirigiu a Escola-Oficina N° 1 de Lisboa. Segundo consta, a sua passagem por essa escola teria sido um tanto quanto turbulenta e culminou com a sua demissão, resultante, ao que tudo indica, de um processo de inquérito onde, entre outros fatores, teria sido posta em causa a orientação que tentou imprimir à relação pedagógica. Companheiros de luta de José Carlos de Sousa definiam-no como "um dos mais dedicados propagandistas do ideal anarquista" (BANDEIRA, 2003b).

¹⁰ Candeias, 1994, p. 29. As teses educativas referidas por Candeias nesse seu trabalho foram publicadas nos n°s 2.057 (16 de agosto de 1925), 2.058 (18 de agosto de 1925), 2.059 (19 de agosto de 1925) e 2.096 (30 de setembro de 1925) do jornal *A Batalha*.

Referências

BANDEIRA, Filomena. Emílio Martins Costa (referência 255). In: NÓVOA, António; BANDEIRA, Filomena (Coord.). *A Educação Portuguesa: corpus documental (séc. XIX-XX) – Dicionário de Educadores Portugueses*. Lisboa: Imagens Obrigatórias (versão digital), 2003a.

_____. José Carlos de Sousa (referência 825). In: NÓVOA, António; BANDEIRA, Filomena. (Coord.). *A Educação Portuguesa: corpus documental (séc. XIX-XX) – Dicionário de Educadores Portugueses*. Lisboa: Imagens Obrigatórias (versão digital), 2003b.

CANDEIAS, António. *Educar de outra forma: a Escola Oficina n° 1 de Lisboa, 1905-1930*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1994.

_____. Adolfo Ernesto Godfroy de Abreu e Lima (referência 453). In: NÓVOA, António; BANDEIRA, Filomena. (Coord.). *A Educação Portuguesa: corpus documental (séc. XIX-XX) – Dicionário de Educadores Portugueses*. Lisboa: Imagens Obrigatórias (versão digital), 2003.

CASTELO, Cláudia. César Pôrto (referência 686). In: NÓVOA, António; BANDEIRA, Filomena. (Coord. geral). *A Educação Portuguesa: corpus documental (séc. XIX-XX) – Dicionário de Educadores Portugueses*. Lisboa: Imagens Obrigatórias (versão digital), 2003.

FERREIRA, Manuela. Deolinda Lopes Vieira (referência 895). In: NÓVOA, António; BANDEIRA, Filomena. (Coord.). *A Educação Portuguesa: corpus documental (séc. XIX-XX) – Dicionário de Educadores Portugueses*. Lisboa: Imagens Obrigatórias (versão digital), 2003.

FIGUEIRA, Manuel Henrique. António Godfroy de Abreu e Lima (referência 456). In: NÓVOA, António; BANDEIRA, Filomena. (coord.). *A Educação Portuguesa: corpus documental (séc. XIX-*

XX) – Dicionário de Educadores Portugueses. Lisboa: Imagens Obrigatórias (versão digital), 2003.

LIMA, Adolfo. Educação social. *Educação* – Revista Quinzenal de Pedagogia. Lisboa, Ano I, n.14, p. 163-64, 31 de jul. 1913a.

_____. Educar. *Educação* – Revista Quinzenal de Pedagogia. Lisboa, Ano I, n.6, p. 61-63, 31 de mar. 1913b.

_____. Programas e métodos. *Educação* – Revista Quinzenal de Pedagogia. Lisboa, Ano I, n.2, p. 13-14, 31 de jan. 1913c.

Recebido em 02 de agosto de 2006.

Aprovado para publicação em 20 de setembro de 2006.